

RELIGIÃO, FAMÍLIA E OUTRAS INSTITUIÇÕES NAS CRÍTICAS FOUCAULTIANAS À IDEIA DE REPRESSÃO DA SEXUALIDADE

Luiz Carlos Lisboa Gondim¹

RESUMO

Este artigo pretende discutir a postura de Foucault em relação à hipótese repressiva, tentando compreender o seu olhar, seu discurso crítico e suas saídas para as ideias das quais emerge uma aparente repressão, e refletindo sobre o que pode ter constituído sua reação contra o poder repressivo em relação à sexualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Foucaultianismo. Repressão. Sexualidade

ABSTRACT

This article discusses the Foucault's position regarding the repressive hypothesis, trying to understand his point of view, his critical discourse and his outputs to the ideas from which emerges an apparent repression, and reflecting on what might have been his reaction against repressive power regarding sexuality.

KEYWORDS: Foucaultian. Repression. Sexuality.

INTRODUÇÃO

Até que ponto a mecânica do poder é observável em nossa sociedade? O discurso crítico dirigido à repressão rompe de fato com ela? Tal repressão

¹ Professor no SALT – IAENE – Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia, mestre em Família e Sociedade Contemporânea pela UCSA, graduado em Filosofia, Pedagogia e Teologia e especialista em Docência Universitária pela Unasp.

existe realmente? Seus resultados são visíveis ou velados? Até que ponto vai a “*coragem foucaultiana de ser*” em resposta à hipótese repressiva? Através da narrativa inusitada de Foucault, examinaremos estas questões margeando as fronteiras da sua singular rede semântica, suas implicações unas e ao mesmo tempo múltiplas de sexualidade, prazer, uso do corpo, repressões e práticas sexuais.

EXISTE UMA REPRESSÃO QUE NOS SUBJULGA?

Foucault simula concordar com a ideia de que nós, como pequenos burgueses, estamos sob o domínio de uma força repressiva que nos inquieta e nos domina: “Parece que, por muito tempo, teríamos suportado um regime vitoriano e a ele nos sujeitaríamos ainda hoje. A pudicícia imperial figuraria no brasão de nossa sexualidade contida, muda, hipócrita” (FOUCAULT, 1985, p. 9).

Há um hábito da sociedade moderna de tratar o sexo como algo que tenha de se manter velado, numa espécie de tabu que domina um sigilo que nem sempre permanece fechado. Mesmo quando se fala da sexualidade, as expressões parecem estar influenciadas por um poder que a reprime ou que tenta adestrá-la. Por isso Foucault (1979, p.127) questiona:

Como se explica que, em uma sociedade como a nossa, a sexualidade não seja simplesmente aquilo que permita a reprodução da espécie, da família, dos indivíduos? Não seja simplesmente alguma coisa que dê prazer e gozo? Como é possível que ela tenha sido considerada como o lugar privilegiado em que nossa “verdade” profunda é lida, é dita? Pois o essencial é que, a partir do cristianismo, o Ocidente não parou de dizer “Para saber quem és, conheça teu sexo”. O sexo sempre foi o núcleo onde se aloja juntamente com o devir de nossa espécie, a nossa “verdade” de sujeito humano.

Essa força repressiva pode ser vista e analisada a partir de um olhar que perceba uma rede trucada de fatores que vão da família burguesa ao dogma eclesiástico. Os retóricos da escola e da academia parecem sentir vergonha da abordagem do tema. Muitos dos oradores religiosos fogem

dessa responsabilidade, e os políticos, quando muito, restringem-se às diretrizes quanto ao uso de preservativos ou o controle da natalidade. Mas por trás desse “silêncio”, há outras formas de abordagens coercitivas e estruturais.

A questão do poder fica empobrecida, quando é colocada unicamente em termos de legislação, de constituição, ou somente em termos de Estado. O poder é mais complicado, muito mais denso e difuso que um conjunto de leis ou um aparelho de Estado. O fato é que há uma nova forma de poder chamada disciplina, com suas hierarquias, seus enquadramentos, suas inspeções, seus exercícios, seus condicionamentos e adestramentos (FOUCAULT, 1979).

A sexualidade – no seu dinamismo, constante mudança e contradição – evidencia, na história, situações inusitadas que podem nos parecer cômicas, mas revelam a ideia de domínio, interdito e opressão. Crombie (2000) revela sentenças de casos concretos que inspiraram jurisprudência, as quais não deixam de ser relevantes para este estudo:

É ilegal um homem disparar uma arma quando a sua companheira está a ter um orgasmo (Wisconsin, USA); uma mulher só pode ter relações sexuais com o seu marido e, na primeira vez em que tal aconteça, a mãe dela deve estar presente no quarto para testemunhar o ato (Cali, Colômbia); os casais estão autorizados a praticar sexo num veículo estacionado durante a pausa de trabalho para o almoço, desde que o automóvel tenha cortinas corridas para evitar que os intrusos espreitem (New México, USA); é ilegal que um homem e uma mulher pratiquem sexo noutra posição que não seja a posição do missionário (Montana, USA).

Nesse *background* repressivo, até o casamento monogâmico serve aos ditames do poder, pois segundo Guiddens (1993, p.180), a sociedade moderna é patriarcal e sua ênfase no casamento monogâmico serve para desenvolver traços de caráter autoritários, sustentando deste modo, um sistema social explorador. Cabe-nos questionar e repensar a hipótese da

dominação masculina como um reflexo do domínio burguês.

Fazemos, dizemos ou pensamos o que realmente queremos em relação à sexualidade? Ou nos acomodamos ao rótulo vitoriano? Aos olhos foucaultianos, depois de os jogos e o comércio dos sofistas terem sido excluídos, depois de, com maior ou menor segurança, terem sido anulados os seus paradoxos, parece que o pensamento ocidental esteve sempre de guarda para que o discurso ocupasse o menor espaço possível entre o pensamento e a palavra (FOUCAULT, 1971). Vemos, aqui, que o interesse de Foucault pela sexualidade diz respeito à sua visão de sujeito; para ele, em redor do sujeito há poderes e saberes que o constitui, que o modifica e o determina. Foucault (2003) afirma que estamos em uma sociedade do “sexo”, ou melhor, da “sexualidade”: os mecanismos do poder se dirigem ao corpo, à vida, ao que a faz proliferar, ao que reforça a espécie, seu vigor, sua capacidade de dominar, ou sua aptidão para ser utilizada; de um pólo a outro da tecnologia do sexo escalona-se toda uma espécie de táticas diversas que combinam, em proporções variadas, o objetivo da disciplina do corpo e o da regulação das populações; as contribuições escritas no mundo inteiro a partir da Revolução Francesa, os Códigos redigidos e reformados, toda uma atividade legislativa permanente e ruidosa não devem iludir-nos: são formas que tornam aceitável um poder essencialmente normatizador.

A sexualidade nesse contexto é lida a partir das forças cognocentes que sobre ela se abatem e fazem deparar-nos com uma inquietude provocada por esse “milagre” da ciência, o qual permite que através de determinados apetrechos tecnológicos se possam sondar nossos segredos mais recônditos. Que espécies de saberes estariam implicados nesse aparente poder? Que saberes nos fazem saber de forma tão tímida e tão envergonhada sobre a nossa própria sexualidade? Foucault (1976) revela que nesse contexto há uma grande configuração do saber que o Ocidente não cessa de organizar em torno do sexo, através de técnicas religiosas,

médicas e sociais.

O início histórico dessa atitude repressiva ocorre no seio da burguesia. As técnicas mais rigorosas foram formadas e, sobretudo, aplicadas em primeiro lugar com mais intensidade nas classes economicamente privilegiadas e politicamente dirigentes. A direção espiritual, o exame de si mesmo, toda longa elaboração dos pecados da carne, a detecção escrupulosa da concupiscência – são todos processos sutis que praticamente não podiam ser acessíveis senão a grupos restritos. A família burguesa foi o primeiro lugar onde se problematizou a sexualidade e onde surgiu a necessidade de vigiar o sexo e de inventar uma tecnologia racional de correção (FOUCAULT, 2003, p.114). Como se vê, o moderno controle da sexualidade na cultura burguesa era menos uma arma contra as classes inferiores do que uma autoidealização da burguesia (MERQUIOR, 1985, p.188). O sentido do discurso sobre sexualidade aparece como uma espécie de irradiação que emana de achados do arqueólogo “febril” de Paris, que vão do Iluminismo ao Liberalismo do séc. XVIII, da Rainha Vitória aos Vitorianos do séc. XX.

Estamos numa sociedade do sexo que fala, mas o que falamos e o que ouvimos? Há tantas produções e propagandas, mas para que se destinam? A caracterização do poder disciplinar implica a análise dos mecanismos da disciplina a fim de se demonstrar sua pertinência na constituição de um indivíduo com características precisas: o indivíduo moderno (FONSECA, 1995, p.18).

Através da economia política da população forma-se toda uma teia de observações sobre o sexo. Surge a análise das condutas sexuais, de suas determinações e efeitos, nos limites entre o biológico e o econômico. Aparecem também as campanhas sistemáticas que, à margem dos meios tradicionais – exortações morais e religiosas, medidas fiscais – tentam fazer do comportamento sexual dos casais uma conduta econômica e política deliberada (FOUCAULT, 2003, p. 29). Surge nesse ponto o

dilema da inflação do juízo ao se pensar que Foucault detona a hipótese repressiva quando parece confirmá-la, acentuá-la. Suas afirmações parecem contundentes:

Entre o Estado e o indivíduo o sexo tornou-se objeto de disputa pública; toda uma teia de discursos, de saberes, de análise e de injunções o investiram (FOUCAULT, 2003, p.29).

Compreender plenamente a ideia foucaultiana de repressão é tarefa complexa, especialmente quando ele mesmo diz ter falado, de maneira obstinadamente confusa, seja da repressão, seja da lei, da interdição ou da censura, bem como ter desconhecido – por birra ou negligência – tudo o que poderia distinguir suas implicações teóricas ou práticas (FOUCAULT, 2003, p.80). Poderíamos então perguntar: teria Foucault objetivado exatamente desconstruir a hipótese repressiva ou mostrar que os seus efeitos não são os de uma repressão típica? Não são raros os casos na história em que formas de repressão deram o tiro pela culatra.

UMA REPRESSÃO QUE REFLUI E INSTIGA

Merquior é um dos críticos mais severos de Foucault. Ele chega a afirmar que a sexualidade, longe de ser reprimida, tem sido constantemente manifestada (MERQUIOR, 1985). Foucault (2003, p. 96) por outro lado, afirma seu interesse em buscar as razões pelas quais isto tem acontecido, se, de fato, tem acontecido. É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, espora, ponto de resistência e de partida de uma estratégia oposta.

A repressão parece de fato não reprimir; o que proíbe, libera, e do que condena, participa. As resiliências se desvanecem e a hipocrisia se instala num jogo de aproximação dos “contrários”. Os discursos se confundem e se fundem, os olhares se desviam e se encontram e a ciência sexual parece travestir-se de arte sexual. O sujeito é encontrado com o

que pensa e onde pensa.

O poder que, assim, toma a seu cargo a sexualidade, assume como deve roçar os corpos; acaricia-os com os olhos; intensifica regiões; eletriza superfícies; dramatiza momentos conturbados. Açambarca o corpo sexual. Há, sem dúvida, aumento de eficácia e extensão de domínio sob controle, mas também sensualização do poder e benefício do prazer. O poder ganha impulso pelo seu próprio exercício; o controle vigilante é recompensado por uma emoção que o reforça; a intensidade da confissão relança a curiosidade do questionário; o prazer descoberto reflui em direção ao poder que o cerca (FOUCAULT, 2003).

O estatuto do poder ganha ares surpreendentes na visão aguçada do filósofo do sexo: O exame médico, a investigação psiquiátrica, o relatório pedagógico e os controles familiares podem, muito bem, ter como objetivo global e aparente dizer não a todas as sexualidades errantes ou improdutivas, mas, na realidade, funcionam como mecanismo de dupla incitação: prazer e poder. Além disso, sua visão lembra muito mais a lente da complexidade do que a do estruturalismo quando afirma que o prazer em exercer um poder que questiona, fiscaliza, espreita, espia, instiga, apalpa, revela e que, por outro lado, se abrasa por ter que escapar a esse poder, se deixa invadir pelo prazer que persegue, se afirma no prazer de mostrar-se, de escandalizar ou de resistir. Pais e filhos, adultos e adolescentes, educador e alunos, o médico, o doente, o psiquiatra, não cessaram de desempenhar os papéis de captação e sedução, de confronto e reforço recíprocos, desde o século XIX (FOUCAULT, 2003).

A expressão “perversões múltiplas”, usada por Foucault, pode nos levar a imaginações as mais diversas, mas o fato é que a sua implantação não se constitui em uma zombaria da sexualidade, mas vingança contra a imposição de leis, por demais repressivas, oriundas de diversos poderes (FOUCAULT, 2003). No olhar desse controvertido filósofo, o crescimento das perversões não é um tema moralizador que tenha obcecado os espíritos

escrupulosos dos vitorianos. É o produto real da interferência de um tipo de poder sobre os corpos e seus prazeres. Talvez, diz ele, o Ocidente não tenha sido capaz de inventar novos prazeres e, sem dúvida, não descobriu vícios inéditos, mas definiu novas diretrizes no jogo dos poderes e dos prazeres: nele se configurou a fisionomia rígida das perversões (FOUCAULT, 2003). Esse efeito “adverso” parece nos dar a ideia não do que Foucault está tentando desconstruir, mas do que está redimensionando, ensinando, mesmo sem querer ensinar. Haveria um fundamento histórico-genealógico que teria forjado a chamada repressão? Ou teriam sido desveladas as suas diversas faces? Seria possível reinventar o sexo mesmo sob o estigma de uma repressão? Seria possível ao homem atingir a construção de si mesmo, ainda que seja constituído pelas imposições extrínsecas dos pais, da língua, religião, família ou sexo?

De uma maneira espontânea, quando alguém fala de poder, concebe-o como lei, como interdição, com proibição e repressão; e somos bastante desarmados quando se trata de segui-lo em seus mecanismos e efeitos positivos. Um modelo jurídico pesa sobre as análises do poder, dando um privilégio absoluto à forma da lei. Seria preciso escrever uma história da sexualidade que não fosse ordenada pela ideia de um poder-repressivo, de um poder-censura, mas por uma ideia de um poder-incitação, de um poder-saber. Seria preciso, ainda, desprender o regime de coerção, de prazer e de discurso que não seja inibidor, mas construtivo deste domínio complexo que é a sexualidade (FOUCAULT, 1976).

Que relações históricas existiriam entre poder e os discursos sobre o sexo? Que jogo de interesses estaria por trás dos silêncios e das falas, da opressão e da inflação dos discursos? Não se podia imaginar que tal repressão ao sujeito fosse ambígua e que tivesse atrás de si forças que agiriam em direção oposta. Foucault (1982) esclarece que não se trata de negar a existência da repressão. O problema é mostrar que a repressão se inscreve sempre em uma estratégia política muito mais complexa, que

visa à sexualidade. Isso não é simplesmente haver repressão. A maneira pela qual a sexualidade foi reprimida, mas também trazida à luz, analisada através de técnicas como a psicologia e a psiquiatria mostra claramente que não se trata de uma simples questão de repressão. Trata-se, antes, de uma mudança na economia das condutas sexuais de nossa sociedade.

REFLEXÕES PROFUNDAS E SAÍDAS ALIENANTES

Não há de se estranhar que tamanha hipocrisia aflorada de tal repressão nos leve a extremos que possam surpreender a nós mesmos; o sentimento de revolta é natural, mas até que ponto pode ir tamanha indignação? Que respostas Foucault teria dado a si mesmo? Haveria algum sentido axiológico para sua “reação”? Até que ponto foi necessário transgredir?

Estudar Foucault é tarefa muito complexa, visto que suas ideias aparecem poucas vezes expostas à vista; às vezes, aparecem apenas na forma de um engano como quem quer conscientemente confundir, ludibriar. Sua narrativa livre, sem amarras, dá-nos também a liberdade de interpretar os seus conceitos e sua vida sem necessariamente dispor do rigor científico, ainda que sem desprezar as exigências da razão, pois o perfil de Foucault parece muito mais identificado com a plasticidade dos conceitos do que com os seus dogmas. Ele afirma que jamais se conduz como um profeta, que seus livros não dizem às pessoas o que elas devem fazer.

Embora insista na ideia do estudo da sexualidade em discurso, sem conotação profética, seu discurso carrega ares de profecia:

Falar contra os poderes, dizer a verdade e prometer o gozo; vincular a iluminação, a liberação e a multiplicação de volúpias; empregar um discurso onde confluem o ardor do saber, a vontade de mudar a lei e o esperado jardim das delícias – eis o que, sem dúvida, sustenta em nós a obstinação de falar do sexo em termos de repressão (FOUCAULT, 2003, p.13).

Reforçando a ideia de discipulado, Merquior (1985, p.246) arremata: “Mas, o manto ‘literário’ mal encobre um imenso dogmatismo”. Suas reações contra fatores extrínsecos que lhe incitavam parecem tomar efeitos de um bumerangue. Merquior (1985, p.238) apresenta Foucault afirmando que é possível que o contorno geral de uma sociedade seja fornecido pelas recentes experiências com drogas, sexo, comunas e outras formas de consciência e de individualidade.

Poder-se-ia dizer que em sua história não havia verdade moral nem hierarquia de valores, contudo Foucault (2004) declara que é necessário lutar para dar espaço aos estilos de vida homossexual, às escolhas de vida em que as relações sexuais com pessoas do mesmo sexo sejam importantes. O fato de fazer amor com alguém do mesmo sexo pode muito naturalmente acarretar toda uma série de escolhas, toda uma série de outros valores e de opções para as quais ainda não há possibilidades reais. Merquior (1985, p.15) chega a afirmar que, como Nietzsche, Foucault claramente antipatiza com o espírito cristão.

Seu par, Reich, de semelhante semântica libertária, afirma acreditar que a reforma política sem liberação sexual é impossível: liberdade e saúde sexual são a mesma coisa, e que deve ser dado às crianças o direito de desenvolver-se em jogos sexuais com outras crianças e também o direito de se masturbar (GUIDDENS, 1993); devem também ser protegidas do domínio de seus pais; além disso, os adolescentes devem ter a oportunidade de satisfazer as necessidades sexuais sem qualquer controle, para que possam ser os agentes da futura mudança social.

As diversas formas de prazer são, de fato, de grande necessidade. Mas, quais os limites? O corpo é a prisão da alma ou a alma é que é a prisão do corpo? Mesmo sem respostas precisas, Foucault (1982) admite sentir dificuldade em ter a experiência do prazer. O prazer, diz ele, parece ser de um controle muito difícil. Ele afirma ainda que espera morrer de overdose de prazer, qualquer que seja, que tem sempre a impressão de

não experimentar o verdadeiro prazer, o prazer completo e total. Ele chega a dizer que o prazer está ligado à morte, uma vez que o gênero de prazer verdadeiro seria tão profundo, tão intenso, que faria com que ele submergisse tanto que não sobreviveria. Ademais, para ele certas drogas eram muito importantes, visto que elas lhe permitiam ter acesso a esses prazeres terrivelmente intensos, os quais não seria capaz de atingir sozinho.

Merquior (1985, p.15) apresenta um dito intrigante de Foucault: “A obrigação suprema de um prisioneiro é tentar a fuga”. Essa fuga parece desvanecer-se em uma visão de saber foucaultiana pouco otimista:

Sei muito bem – e creio que eu saiba desde minha infância – que o saber é impotente em transformar o mundo. Talvez eu esteja errado. E estou seguro que estou errado de um ponto de vista teórico, pois eu sei muito bem que o saber transformou o mundo. Mas se eu me refiro à minha própria experiência, tenho o sentimento que o saber não pode nada por nós e que o poder político é capaz de nos destruir. Todo o saber do mundo não pode nada contra isso (FOUCAULT, 1982).

A morte prematura de Foucault, em 1984, deixou em suspenso bom número de interrogações e mal-entendidos. O jornalista Pol-Droit (2006, p.20 e 22), em sua obra *Foucault – entrevistas*, faz um questionamento sobre o sentido nem verdadeiramente escondido nem inteiramente visível se seu trabalho. Esse jornalista apresenta Foucault, em 1948, como estudante da École Normale Supérieure. Lembra sua tentativa de suicídio neste mesmo ano e afirma que ele parecia estar à beira da loucura. Na perspectiva de Pol-Droit, Foucault era um viajante num templo zen, um conferencista em Berkeley, um experimentador de alucinógenos, um homem que morre de AIDS na *salpêtrière*, hospital cujo nascimento ele mesmo havia descrito na sua famosa obra *história da loucura*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A repressão estará sempre presente e é preciso saber enfrentá-la. A vida, por sua vez, é apenas um lapso de tempo. Como deveríamos

vivê-la? Os resultados observados no discurso e vida do pirotécnico Foucault, como ele mesmo se intitula, levam-nos a refletir sobre *posturas de enfretamento* ou de *alienação*. Maior prudência e cautela são valores aparentemente necessários ainda que imersos nas mais diversas formas de repressão operadas na base dos nossos dilemas morais. Até que ponto poderíamos ampliar nosso tempo neste mundo que Deus nos deu e evitar mortes prematuras como a do genial autor da *História da sexualidade*? Um gênio como Foucault poderia nos dar, ainda hoje, o privilégio da sua sábia produção literária, caso não houvesse morrido alienado e prematuramente. Que lições e que valores, quanto à repressão à sexualidade, temos aprendido com a vida, as idéias, as ações e reações e com a morte de Foucault?

REFERÊNCIAS

CROMBIER, D. **The World's stupidest laws**. Inglaterra: Dorking, 2000. Disponível em: <<http://www.geocities.com/rjaf2000/curso4.html>>. Acesso em: 23 nov. 2005.

FOUCAULT, M.. **História da sexualidade: a vontade de saber**. V.1. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

FONSECA, M. A. **Michel Foucault e a constituição do sujeito**. São Paulo: EDUC, 1995.

FOUCAULT, M. O ocidente e a verdade do sexo. **L'Occident et la vérité du sexe**, Le Monde, n. 9885, p. 24, 5 novembre 1976. Disponível em : <http://www.unb.br/fe/tel/filoesco/foucault/occident.html>. Acesso em : 25 de nov.2005.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, M. Silêncio, sexo e verdade – Uma entrevista com Michel Foucault. In FOUCAULT, Michel. **Dits et écrits**. Tradução: Wanderson Flor do Nascimento. Paris: Gallimard, 1994.

FOUCAULT, M. **L'Ordre du discours, leçon inaugurale ao Collège de France prononcée lê 2 décembre 1970**. Tradução: Edmundo Cordeiro. Paris: Édition Gallimard, 1971. Disponível em: www.ciberfil.hpg.ig.com.br. Acesso em 23 nov. 2005

FOUCAUT, M. **Ética, sexualidade e política**. Porto Alegre: Forense, 2004.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: sexualidade amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

MACINTYRE, A. **As idéias de Marcuse**. São Paulo: Cultrix, 1970.

MERQUIOR, J. G.. **Michel Foucaut ou o nihilismo de cátedra**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

POGREBINSCHI, T. Foucault, para além do poder disciplinar e do biopoder. **Revista de Cultura e Política**, São Paulo, n.63, 2004.

POL-DROIT, R. **Michel Foucaut: entrevistas**. São Paulo: Graal, 2006.